

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O IMPACTO DE VARIÁVEIS FAMILIARES E
SOCIOCULTURAIS NO DECLÍNIO DA NATALIDADE:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Ricardo Jorge Castelo Branco de Barros

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e de Saúde / Núcleo de Psicologia Sistémica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O IMPACTO DE VARIÁVEIS FAMILIARES E
SOCIOCULTURAIS NO DECLÍNIO DA NATALIDADE:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

Ricardo Jorge Castelo Branco de Barros

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rita Francisco

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e de Saúde / Núcleo de Psicologia Sistémica)

2014

À minha avó Maria Teresa

Agradecimentos

A todos os participantes pela disponibilidade,
aos meus amigos pelo apoio que me foram transmitindo,
à minha família pelo tempo e suporte oferecido,
à Professora Doutora Marta Pedro por ter sido uma referência,
ao Professor Doutor Cícero Pereira pela disponibilidade e orientação,
à Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro pelo apoio e motivação,
e um especial agradecimento à Professora Doutora Rita Francisco...
por tudo.

Resumo

O presente estudo, misto, descritivo e exploratório, pretende analisar a relação entre variáveis socioculturais e familiares e o seu impacto no declínio da natalidade. Numa primeira etapa, quantitativa, recolheu-se uma amostra de 345 participantes portugueses, casados ou em união de facto, com filhos biológicos. Tendo como objetivo caracterizar a amostra, analisar a relação entre variáveis socioculturais (crença religiosa e nível socioeconómico) e familiares (idade em que se tem o primeiro filho, número de filhos, estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar), bem como o papel mediador da satisfação conjugal na relação entre os estilos parentais e a coesão familiar, foram utilizados: um *Questionário Sociodemográfico*, a *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* (Narciso & Costa, 1996), a *Family Adaptability and Cohesion Scales II* (Olson & Bell, 1982) e o *Questionário de Dimensões de Estilos Parentais*, (Robinson, Mandleco, Olsen & Heart, 2001). Os resultados foram analisados com análise descritiva, estudo de correlação e regressão linear, tendo-se verificado que as variáveis contextuais e familiares se relacionam (e.g., o nível socioeconómico está positivamente correlacionado com o estilo parental autoritativo), e que a satisfação conjugal tem um papel mediador na relação entre os estilos parentais e a coesão familiar. A segunda etapa, de cariz qualitativo, teve como objetivo estudar a perceção das pessoas quanto à relação entre variáveis socioculturais (crença religiosa, valores, rede familiar, rede social e nível socioeconómico) e variáveis familiares (idade em que se tem o primeiro filho, número de filhos, estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar), bem como explorar o impacto das mesmas sobre a natalidade. Assim, foram elaboradas entrevistas a 12 participantes, com e sem filhos, e sujeitas a análise temática. Diversas variáveis contextuais e familiares parecem estar relacionadas e contribuir para a natalidade, abrindo novos temas para debate ou investigação, bem como as suas implicações clínicas.

Palavras-chave: Natalidade, Estilos Parentais, Satisfação Conjugal, Coesão Familiar, Nível Socioeconómico, Crença Religiosa, Valores, Rede Social, Rede Familiar.

Abstract

This exploratory and descriptive, mixed-methods study aims to examine the relationship between sociocultural and family variables and their impact on the fertility decline. Firstly, and regarding the quantitative study, it was collected a sample of 345 Portuguese participants, married or unmarried, with biological children. In order to characterize the sample, to analyze the relationship between sociocultural (religious beliefs and socioeconomic status) and family variables (age at which they had their first child, number of children, parenting styles, marital satisfaction and family cohesion), as well as the mediator role of marital satisfaction in the relationship between parenting styles and family cohesion, it was used: a Sociodemographic Questionnaire, the *Evaluation of Satisfaction in Areas of Marital Life Scale* (Narciso and Costa, 1996), the *Family Adaptability and Cohesion Scales II* (Olson & Bell, 1982) and the *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire* (Robinson, Mandleco, Heart and Olsen, 2001). Data were studied with descriptive, correlation and linear regression analysis, and it was observed that contextual and family variables are related (e.g., socioeconomic status is positively correlated with authoritative parenting style), and that marital satisfaction has a mediating role in the relationship between parenting styles and family cohesion. Secondly, it has been elaborated a qualitative study and it intended studying the perception of people, regarding the relationship between sociocultural (religious beliefs, values, family network, social network and socioeconomic status) and family variables (age at which they had their first child, number of children, parenting styles, marital satisfaction and family cohesion), as well as to explore their impact on the birth rate. To accomplish that, interviews to 12 participants, with and without children, were performed and then they were subjected to thematic analysis. Several contextual and family variables seem to be related and contribute to the birth rate, opening new themes for discussion or research, as well as their clinical implications.

Keywords: Birth rate, Parenting Styles, Marital Satisfaction, Family Cohesion, Socioeconomic Level, Faith, Values, Social Networking, Family Network.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Teórico	3
II. Metodologia	9
2.1. Enquadramento Metodológico	9
2.2. Desenho da investigação	9
2.3. Estratégia metodológica	11
2.3.1. Estudo quantitativo	11
2.3.1.1. Seleção e caracterização da amostra	11
2.3.1.2. Instrumentos	12
2.3.1.3. Procedimento na recolha e análise de dados	15
2.3.2. Estudo qualitativo	16
2.3.2.1. Seleção e caracterização da amostra	16
2.3.2.2. Instrumentos	16
2.3.2.3. Procedimento na recolha e análise de dados	17
III. Resultados	19
3.1. Estudo Quantitativo	19
3.1.1. Análise Descritiva das Variáveis	19
3.1.2. Análise das Correlações entre Variáveis Estudadas	19
3.1.3. Análise do Papel Mediador da Satisfação Conjugal na Relação entre os Estilos Parentais e a Coesão Familiar	21
3.2. Estudo Qualitativo	22
IV. Discussão dos Resultados	35
V. Conclusão	39
Referências Bibliográficas	41

Anexos

Anexo A – Questionário Sociodemográfico

Anexo B – Guião da Entrevista Semiestruturada

Anexo C – Consentimento Informado

Figuras

Figura 1. Mapa Conceptual, abordagem quantitativa

Figura 2. Mapa Conceptual, abordagem qualitativa

Figura 3. Efeito indireto do estilo parental Autoritativo na Coesão Familiar, através da Satisfação Conjugal (mediadora)

Quadros

Quadro 1. Análise descritiva das variáveis familiares

Quadro 2. Correlação entre as variáveis em estudo

Introdução

Nascer, crescer e morrer. Poderíamos enunciar inúmeras definições de família, mas será isto e sempre disto que se recordarão os textos e memórias. Todos os pensamentos, comportamentos e emoções estudados pela Psicologia da Família, visando o indivíduo no seu contexto primordial que é a família, de nada farão sentido se o Nascer não tiver lugar.

Sendo a natalidade condição necessária do objeto de estudo, torna-se necessário encontrar os mecanismos e processos para melhor enquadrá-la nos diversos contextos. Estes podem ser sociais, políticos ou mesmo religiosos, mas o que deverá prevalecer será a manutenção de uma natalidade com qualidade, ou seja, a procura de um equilíbrio, entre as exigências do meio e a vontade do indivíduo como direito universal, a constituição de família.

Quer seja por diretivas ou normas europeias, que aconselham os estados membros a adotar políticas que promovam a natalidade, os diversos países têm desenvolvido estudos que procurem combater o flagelo que é o declínio da natalidade. Em Portugal, o índice de fecundidade (1.35) abaixo da média europeia (1.57) é um problema que ganha contornos especiais, pelo facto de as medidas aconselhadas ou apontadas estarem inseridas num contexto socioeconómico que não favorece a sua implementação.

Fatores económicos, sociais, políticos, culturais e religiosos (socioculturais) têm sido apontados como as principais causas do declínio da Natalidade. De forma a analisar a relação entre as diversas variáveis e, tendo como modelo teórico o Modelo Ecológico de Bronfenbrenner, tornou-se pertinente inserir outras variáveis que possam estar relacionadas com as mesmas, tais como os estilos parentais, a satisfação conjugal e a coesão familiar.

Este estudo visa, de forma descritiva e exploratória, analisar a relação, bem como a percepção das famílias portuguesas, no que diz respeito aos fatores que possam estar a influenciar a natalidade, quer sejam eles socioculturais ou familiares. Tentaremos, seguindo uma visão sistémica da família, analisar as relações entre os diferentes contextos e variáveis apontadas.

I. Enquadramento Teórico

Nos últimos tempos, tem sido notória e justificável a preocupação do Homem, em contradizer o declínio da natalidade que assola todo o mundo, especialmente o ocidental. Com diversos estudos e metodologias tem conseguido, com algum sucesso, descobrir alguns dos fatores que aparentemente possam estar a interferir no declínio da Natalidade. São referidos, por exemplo, fatores económicos (Kohler, Billari & Ortega, 2006), sociais (Adsera, 2007), políticos (Adsera, 2007), culturais (McQuillan, 2004; Mosher, Williams & Johnson, 1992) e religiosos (Ferreira & Neto, 2007). Apesar de todos os estudos referidos primarem pelo rigor e validade, é importante referir que foram elaborados em contextos e com objetivos diferentes e, principalmente, que a primazia pela instrumentalização leva à desvalorização do contexto e suas relações com o objeto de estudo.

Partiremos à descoberta, tendo como “pano de fundo” o Modelo Ecológico do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979), visando a compreensão e descrição de alguns processos psicológicos, levando em conta os diversos contextos em que se inserem e as suas relações com o mesmo. Correspondendo à estrutura mais interna, *Microsistema*, os contextos mais próximos do indivíduo, aqueles que de alguma forma pesam mais no seu desenvolvimento. No presente estudo, teremos por exemplo, os estilos parentais, a satisfação conjugal e a coesão familiar, como variáveis. No *Mesosistema*, considera-se a interação entre os diversos microsistemas referidos, encontramos aqui a rede social e a rede familiar, ou seja, relações e comunicações que são estabelecidas nos contextos que englobam. O *Macrossistema* engloba ou assenta todos os outros, tendo em conta os padrões que regem a sociedade e cultura, a que o indivíduo pertence e nele encontramos os valores, crenças religiosas e o sistema político (económico e social). Como variável transversal ao desenvolvimento do indivíduo, temos o *Cronossistema*, a nossa dimensão temporal, que será abordada apenas, visando as perceções que os indivíduos têm do seu próprio desenvolvimento, por exemplo, a alteração do desejo em ter filhos, que percecionam ter em determinadas fases da sua vida (Koller, 2005).

São referidas inúmeras causas para o declínio da natalidade e o seu peso exploratório tem sido discutido. Caldwell e Schindmayr (2003) criticam os modelos existentes, apontando que estes procuram, apenas, políticas de bem-estar e de despesas familiares, esquecendo as circunstâncias, ou seja, o contexto único dos indivíduos, bem como fatores que influenciem um determinado período de tempo. Assim, é pertinente objetivar e tornar mais característicos

os estudos das populações com características únicas, que partilhem políticas sociais e de saúde ou, por exemplo, costumes e valores mais específicos.

Uma das causas mais comuns para o declínio da natalidade é a da idade em que se tem o primeiro filho, que é cada vez mais adiada (Billari, 2008). Este conceito tornou-se do senso comum, pois, aparentemente, será implícito que uma pessoa que tenha um filho mais tarde terá menos tempo para os restantes, e estaremos a cair, uma vez mais, no reducionismo. Torna-se, por isso, necessário analisar também as causas para tal acontecer, ou seja, enquadrar o fator comum num determinado contexto (Caldwell & Schindmayr, 2003). Como principais causas para este adiamento são apontados diversos fatores. Primeiro, a industrialização na Europa nos anos 60, que tornou o indivíduo mais autónomo, rejeitando o controlo das instituições e procurando uma satisfação maior, levando por isso a optar por uma nova ordem de preferências. Em segundo lugar, a emancipação da mulher, que levou as mulheres à procura de uma educação mais especializada e levando por isso a adiar a transição para a maternidade. Em terceiro lugar, a incerteza com que os jovens adultos se deparam no mercado de trabalho, não fazendo a ponte entre as instituições escolares e profissionais com o mercado de trabalho, não oferecendo, por isso, estabilidade económica. Tal leva a que os jovens não consigam criar a sua independência e saiam cada vez mais tarde da casa dos seus pais (Billari, 2008).

O adiamento da idade em que se tem o primeiro filho é um fator que, só por si, chama a atenção para a conceptualização do problema considerando diversos fatores. Mas Kolher (2006) tenta olhar de forma mais holística e diz-nos que a verdadeira causa do declínio da natalidade é a combinação de quatro fatores demográficos e de comportamentos. Primeiro, as mudanças sociais e económicas registadas nos últimos anos na Europa, que levaram ao adiamento da idade de fertilidade. Em segundo lugar, as respostas sociais não conseguiram acompanhar as dificuldades que foram surgindo. Em terceiro, a alteração dos períodos de fertilidade, que sofreram um corte com o adiamento da idade de fertilidade. E por último, as medidas ou apoios institucionais que não favorecem a natalidade, nem a promovem (Kolher, 2006).

Ou seja, uma vez mais, torna-se numa tarefa difícil identificar e delimitar uma causa apenas, a procura de um fator leva-nos à necessidade de contextualizar e conceptualizar uma vez mais, todas as relações que englobam os vários subsistemas a que o indivíduo pertence

(Bronfenbrenner, 1979). Torna-se pertinente inserir na conceptualização do problema variáveis mais externas (macrossistema) e de alguma forma mais internas (microsistema).

Nos modelos anteriores foram referidas respostas sociais e políticas, por isso, falar dos *valores* em que estes se inserem torna-se necessário, pois são eles que delimitam e caracterizam a sociedade de que o indivíduo faz parte e na qual interage. Estas ideias abstratas (Giddens, 2004) dão significado e orientam os indivíduos nos seus diversos contextos, no mundo social a que pertencem. Apesar de estarem enraizadas e interiorizadas, têm caráter temporal, tornando o seu estudo contínuo. Mas para inserir os valores na análise do declínio da natalidade teremos que respeitar também a diversidade cultural, com as suas subculturas e movimentos sociais existentes. Apesar da temporalidade, os valores são consistentes de alguma forma no tempo e levam os indivíduos a acreditar em algo, e acreditar nos símbolos que cria para demonstrar ou evocar sentimentos (Giddens, 2004). A *crença religiosa*, apesar de muitas vezes estar em polos opostos com a ciência, está presente em todas as sociedades conhecidas, condicionando e, de alguma forma, criando padrões nas mesmas, e por isso, de forma global ou específica, terá impacto na natalidade (Adsera, 2006; McQuillan, 2004; Mosher, 1992).

Nos últimos anos, temos vindo a observar, principalmente em países ocidentais, mudanças de padrões, e nomeadamente nos padrões familiares. Mudanças que em gerações anteriores seriam consideradas inimagináveis (Giddens, 2004). Esta diversidade cultural torna as famílias distintas na presente época. Temos menos casamentos (sendo estes cada vez mais tardios), mais divórcios, um aumento de famílias monoparentais e recompostas, ou seja, temos alterações dos conceitos e relações. Torna-se por isso, importante estudar a forma como algumas dessas relações ocorrem, bem como, o papel que desempenham nas expectativas e tomadas de decisão do indivíduo, analisando o seu peso e de que de forma, direta ou indiretamente, se relacionam com a natalidade.

Transmitir as crenças e valores, bem como normas sociais, é também função da família, que como grupo natural que é, desenvolve padrões de interação ao longo do tempo. Sendo estes padrões a estrutura familiar, ou seja, uma rede invisível de exigências e expectativas que regem a família (Minuchin, 1981).

Uma das formas de transmissão é através do subsistema parental e a forma como os pais se relacionam com os filhos, corresponde aos estilos parentais, que, para além de incluir as práticas parentais, engloba também outras formas de comunicação, estabelecendo o clima

emocional com que os comportamentos são transmitidos (Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015), mas não dirigidos a objetivos específicos de socialização (Darling & Steinberg, 1993). Entre os diferentes modelos existentes, a tipologia de Baumrind (1966) é a mais consensual, descrevendo três estilos parentais, baseando-se na combinação de duas dimensões: controlo e afeto. A autora descreve o estilo *Autoritário*, com níveis de controlo altos e de afeto baixos, correspondendo, por exemplo, a expectativas de maturidade elevadas, poucas manifestações de carinho, pais inflexíveis e exigindo sem argumentar. No estilo parental *Permissivo*, o controlo é baixo e o afeto elevado ou moderado, neste estilo as regras são menores e a disciplina inconsistente. O estilo *Autoritativo* apresenta níveis de afeto elevado e de controlo moderado ou elevado, sendo que estes pais, apesar de regrados, tendem a argumentar as razões, promovem a independência e são afetuosos. De referir que o estilo parental autoritativo tem sido descrito como aquele que mais vantagem trará para o desenvolvimento do bem-estar da criança (Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991).

Não é usual encontrar pais com estilos semelhantes de educação, e em alguns casos até poderá ser inconveniente. A maior parte das vezes, os estilos são diferentes e algumas vezes complementam-se (Ballenato, 2011), sabendo-se que cada estilo parental terá as consequências inerentes do mesmo, por exemplo, o estilo parental autoritário é descrito e apontado como o que trará mais desvantagens (Ballenato, 2011; Lamborn et al., 1991).

Quando essas alterações no subsistema parental ocorrem, toda a estrutura familiar ressentir-se-á (Minuchin, 1981). Ou seja, o subsistema conjugal, cujos elementos se intersectam no anterior, irá funcionar tendo em conta os comportamentos e atitudes que teve, para com os outros, e por exemplo, será influenciado também pelo seu estilo parental (Mosmann, 2007). Esta balança é desequilibrada constantemente, pois existem outras variáveis que interferem na dinâmica familiar, como por exemplo o subsistema filial (que não será abordado no presente estudo), bem como outras variáveis, tais como, a qualidade e o bem-estar da relação ou ambiente parental (Erel, 1995; Shek, 2000). De forma mais sistémica, poderemos também enunciar que essa satisfação conjugal é influenciada por uma combinação de variáveis, bem como pela perceção global que o casal tem das mesmas (Neff & Karney, 2003).

A *Satisfação Conjugal* é entendida como o desempenho na e da relação (Narciso & Ribeiro, 2009), tendo a sua avaliação um carácter pessoal, na medida em que se torna passível de análise apenas através do ponto de vista dos seus cônjuges. Segundo o modelo de

classificação de Narciso (2001), torna-se por isso necessário o conhecimento de todas as partes para conhecer o todo e vice-versa, realçando, por isso, o carácter dinâmico e complexo do modelo proposto. São descritos três tipos de fatores que influenciam a satisfação conjugal: os *fatores centrípetos*, aqueles processos ou comportamentos gerados diretamente pela relação conjugal (afetivos, comportamentais e cognitivos); os *fatores centrífugos*, os mais periféricos da esfera conjugal (nestes podemos encontrar fatores pessoais, de contexto e demográficos); e o *fator tempo*, correspondendo ao percurso de vida do casal (Narciso, 2001).

Tem sido discutida a forma como a satisfação conjugal influencia a natalidade, na medida em que a decisão da mulher de ter um filho ou continuar uma gravidez é influenciada por fatores conjugais, como o apoio que sente do seu cônjuge, quer em termos logísticos ou emocionais (Madhavan, Adams & Simon, 2003; Silva, 2012). No presente estudo, os fatores *centríugos* terão destaque dado que, ao incluírem os fatores contextuais e demográficos, se referem a algumas das variáveis estudadas, por exemplo, *rede familiar*, *rede social*, *nível económico* e *sociocultural*.

Apesar de todo o ser humano dispor da sua individualidade e do seu território, influencia e é influenciado pelos outros membros da família, tornando assim a família uma entidade em movimento, num contínuo processo de mudança (Minuchin, 1981). Sendo assim, é necessária uma visão sistémica e conceptual da família, como forma de avaliar este constructo, contribuindo assim para um melhor entendimento da dinâmica familiar, quer no campo teórico como clínico (Teodoro, Allgayer & Land, 2009).

Como forma de avaliar o funcionamento familiar, Olson propôs o Modelo Circumplexo (2003), que corresponde a um modelo teórico e descritivo que pretende avaliar o funcionamento familiar em 3 dimensões: coesão, adaptabilidade e comunicação. Deste modo, a *coesão familiar* corresponde à ligação emocional que se estabelece entre os membros da família, existindo quatro níveis de medida (desmembrada, separada, ligada e emaranhada); *adaptabilidade* ou flexibilidade, que corresponde à capacidade ou forma que o sistema reage, face à mudança, existindo quatro níveis (rígido, estruturado, flexível e caótico); e comunicação, considerada como dimensão facilitadora, na medida em que é preponderante para as famílias alternarem entre os diferentes níveis de coesão e adaptabilidade (Olson, 2004; Olson & Gorall 2003). A pertinência do modelo, no presente estudo, deve-se ao facto de o mesmo permitir explorar a variável familiar como um todo, no que diz respeito ao seu funcionamento, respeitando a conceptualidade da família nos diferentes estádios do seu

desenvolvimento, considerando aqui a mudança de forma a adaptar-se a uma situação de *stress* (Olson, 2000).

Outros estudos surgem, no sentido de analisar a coesão familiar, contextualizando-a com outras variáveis tais como hierarquia familiar (Antoni, Teodoro & Koller, 2009), explorando conceitos como coligações entre gerações, em diferentes estádios de desenvolvimento (Feldman & Gehring, 1988) e em determinados níveis socioeconómicos (Antoni, 2009).

II. Metodologia

2.1. Enquadramento metodológico

A presente investigação é um estudo descritivo e exploratório, que se enquadra no paradigma pós-positivista, na medida em que pretende explorar a realidade, sendo esta percecionada como imperfeita, quer devido às características do investigador quer da complexidade do objeto de estudo. Ou seja, se for possível conhecer a realidade, será de forma aproximada (Guba & Lincoln, 1994).

Este trabalho utiliza uma abordagem mista, considerando por isso uma metodologia quantitativa e qualitativa. A escolha desta abordagem prende-se com a vantagem que oferece, pois permite, numa primeira fase quantitativa, verificar a existência de um fenómeno e posteriormente, na fase qualitativa, explorar as causas ou processos subjacentes. Ou seja, permite uma integração dos resultados de ambas, descrevendo e analisando de forma dinâmica as relações existentes (Teddlie & Tashakkori, 2009).

2.2. Desenho da investigação

O presente estudo foi desenhado tendo como objetivos principais: a) explorar à luz do Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner (1979) e seguindo uma visão Sistémica, a relação entre variáveis socioculturais e familiares (como por exemplo, estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar); b) e o impacto das mesmas no declínio da natalidade.

Para o primeiro estudo, de cariz quantitativo, foram traçados os seguintes objetivos:

Objetivo específico (1) – Caracterizar uma amostra de famílias portuguesas, com filhos biológicos, relativamente às variáveis familiares (idade em que se tem o primeiro filho, número de filhos, estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar) e socioculturais (crença religiosa e nível socioeconómico);

Objetivo específico (2) – Analisar a relação entre as variáveis: idade em que se tem o primeiro filho; número de filhos, estilos parentais; satisfação conjugal; coesão familiar; crença religiosa; e nível socioeconómico;

Objetivo específico (3) – Estudar o papel mediador da satisfação conjugal na relação entre os estilos parentais e a coesão familiar.

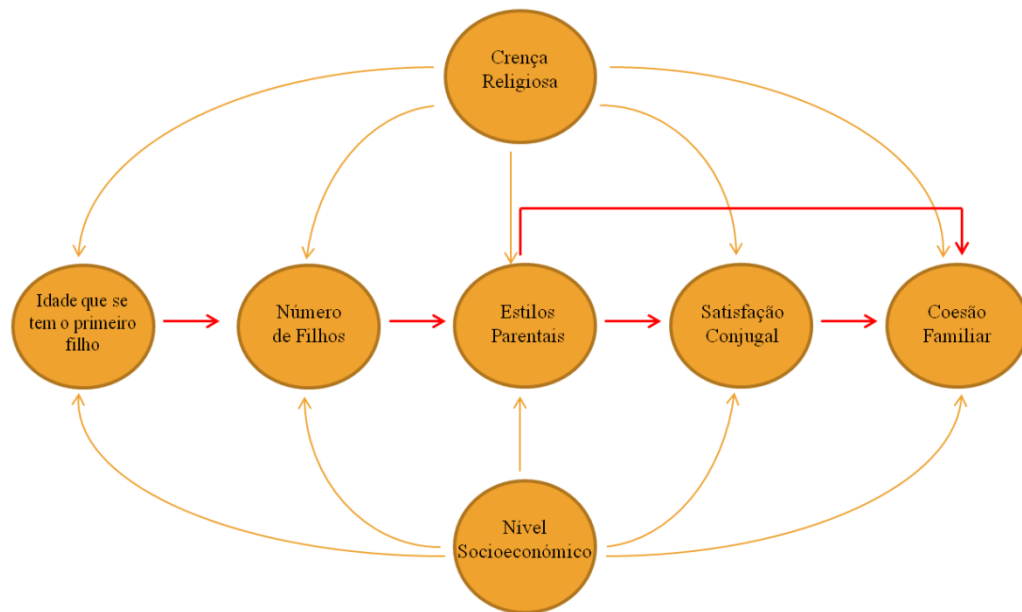


Figura 1. Mapa Conceptual, abordagem quantitativa.

Para o segundo estudo, de cariz qualitativo, definiram-se dois objetivos:

Objetivo específico (4) – Estudar a perceção de pessoas casadas ou em união de facto, quanto à intra e interinfluência de variáveis socioculturais (crença religiosa, valores, rede familiar, rede social e nível socioeconómico) e variáveis familiares (idade em que se tem o primeiro filho, número de filhos, estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar);

Objetivo específico (5) – Explorar as perceções das pessoas quanto ao impacto das variáveis familiares e socioculturais no número de filhos (que se tem, que se desejava e que se imagina vir a ter).

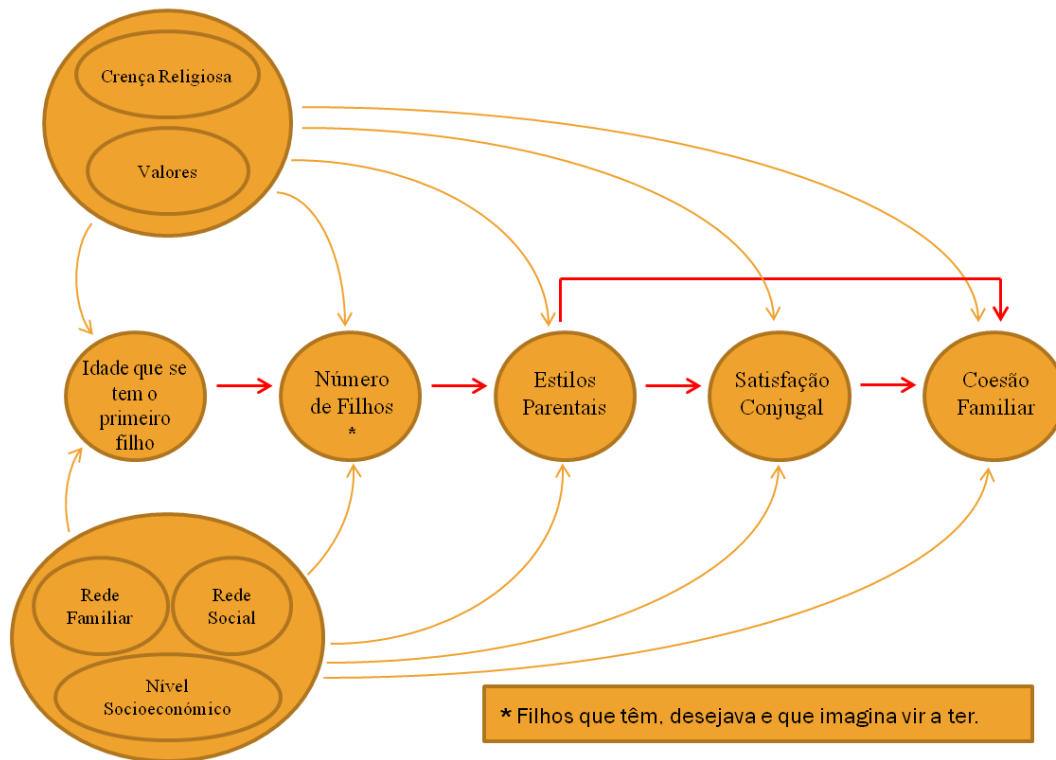


Figura 2. Mapa Conceptual, abordagem qualitativa.

2.3. Estratégia metodológica

2.3.1. Estudo quantitativo

2.3.1.1. Seleção e caracterização da amostra

A amostra do presente estudo, não probabilística, de conveniência, do tipo “Bola de Neve” (Marôco, 2011), faz parte de uma amostra maior, recolhida em Portugal (continental e ilhas) entre dezembro de 2007 e fevereiro de 2008, no âmbito de uma investigação da Faculdade de Psicologia de Lisboa, coordenada pelas Professoras Doutoras Isabel Narciso e Maria Teresa Ribeiro.

A amostra do presente estudo é constituída por 345 participantes (51.9% do sexo feminino), casados (93%) ou em união de facto, com filhos biológicos. Os participantes têm idades compreendidas entre os 22 e os 67 anos ($M=40.93$ anos e $DP=7.27$ anos), sendo que a idade em que tiveram o primeiro filho varia entre os 18 e os 42 anos ($M=28.54$ anos e $DP=4.45$ anos).

Tendo em conta o número de filhos, 48.4% dos participantes tem 2 filhos, 41.7% tem 1 filho, 9,3% tem 3 filhos, e 0.6% tem 4 ou 5 filhos.

Em relação à Crença Religiosa, 80.9% participantes descrevem-se como crentes, e 19.1% participantes descrevem-se como não crentes em nenhuma religião.

Relativamente ao nível socioeconómico, calculado de acordo com a profissão e habilitações literárias (Simões, 1994), 44.6% participantes apresentam um nível socioeconómico alto, 42.9% nível socioeconómico médio e 12.5% nível socioeconómico baixo.

2.3.1.2. Instrumentos

Para o presente estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi elaborado de forma a recolher informação objetiva e sucinta dos participantes, tais como sexo, idade, escolaridade, profissão, estado civil, número de filhos (quando existem) e crença religiosa.

Questionário de Dimensões de Estilos Parentais (QDEP)

O Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – QDEP (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995) tem como objetivo avaliar os estilos parentais de ambos os pais, bem como a perceção que cada um tem acerca das práticas parentais do outro. Este questionário, originalmente composto por 60 itens.

Tem como base a tipologia de Baumrind (1966), distinguindo-se três tipologias principais de estilos parentais, o autoritário, o autoritativo e o permissivo (Robinson et al., 1995). O estilo autoritário, com uma percentagem de variância de 46,8% (hostilidade verbal; castigos físicos; estratégias punitivas; exigência e diretividade excessiva); o autoritativo, com 47,4% de variância (calor e envolvimento; estimulação de raciocínio; participação

democrática, paciência e respeito); e o estilo permissivo, que apresenta uma variância de 40,3% (falta de firmeza; ignorar o mau comportamento; excesso ou falta de autoconfiança).

Para o presente estudo, foi utilizada a versão portuguesa da versão reduzida do QDEP, de 32 itens (Robinson, Mandleco, Olsen, & Hart, 2001; Pedro, Carapito & Ribeiro, 2015), cotados numa escala de *Likert* de 5 pontos, sendo que ao 1 correspondia uma resposta “Nunca” e ao 5 “Sempre”. É composta por três fatores, que correspondem aos 3 estilos parentais seguindo a tipologia de Baumrind (1966). O estilo parental Autoritativo é composto por 15 itens (com as subescalas Ligação, Regulação e Autonomia), o Autoritário por 12 (dividido em 3 subescalas, Coerção Física, Hostilidade Verbal e Punição) e o Permissivo por 5 itens, sem subescalas. No estudo de adaptação da escala, estes fatores apresentam níveis de consistência interna razoáveis (*alpha* de *Cronbach*), de .86 para o Autoritativo, .75 para o Autoritário e .63 para o Permissivo, sendo estes aceitáveis para investigação (Pedro et al., 2015).

No presente estudo, estes valores do *alpha* de *Cronbach* são de .84 para o Autoritativo, .73 para o Autoritário e .55 para o Permissivo (sendo este último bastante mais baixo do que a das outras versões).

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)

A EASAVIC, criada em 1996 por Narciso e Costa, pretende avaliar a satisfação vivenciada em diferentes vertentes da vida conjugal. É constituída por 44 itens, respondidos numa escala de *Likert* de 6 pontos (de 1 *Nada Satisfeito* a 6 *Completamente Satisfeito*), organizados em cinco vertentes relativas à dimensão amor, sendo elas: sentimentos e expressão dos mesmos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade, características físicas e psicológicas. O estudo psicométrico demonstrou uma elevada consistência interna (superior a .90, *alpha* de *Cronbach*). A utilização desta escala apresenta uma grande vantagem, uma vez que permite discriminar áreas de força ou fragilidades que serão um elemento relevante da prática clínica (Narciso, 2001).

No estudo sobre Conjugalidade e Parentalidade, que decorreu na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Narciso, Ribeiro & Ferreira, 2008, cit. por Pacheco, 2008), as autoras decidiram realizar um novo estudo sobre as características psicométricas desta escala (652 indivíduos casados ou em união de facto), uma vez que o anterior datava de

há 15 anos atrás. O estudo mais recente apresentou uma elevada fiabilidade, com um *alpha* de *Cronbach* de .97, tendo a análise em componentes principais revelado uma estrutura unifactorial. No presente estudo a escala apresenta *alpha* de *Cronbach* de .97.

Family Adaptability and Cohesion Scales II (FACES II)

Este questionário de autoavaliação (Olson, Portner, & Bell, 1982, cit. por Machado, 2008) mede o funcionamento familiar em duas dimensões: coesão e adaptabilidade, de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson (2003). Deste modo, são apresentadas quatro dimensões de coesão e adaptabilidade: na da coesão aparecem a desmembrada (extremamente baixa), separada (baixa/moderada), ligada (moderada/alta) e emaranhada (extremamente alta); na adaptabilidade, a rígida (extremamente baixa), a estruturada (baixa/moderada), flexível (moderada/alta) e caótica (extremamente alta).

A segunda versão, com menos itens, permitiu que se aplicasse a indivíduos com dificuldades na leitura e na faixa dos 12 anos de idade. Limitou-se a 30 itens, em que 16 avaliam as características relacionadas com a dimensão da coesão, 8 os conceitos que avaliam laços/ligações emocionais, limites familiares, coligações, tempo, espaço, amigos, decisão, interesses e lazer. Os restantes 14 correspondem à adaptabilidade, em que 6 avaliam a liderança, funções, a disciplina, normas, imposição e negociação. A escala de resposta é do tipo *Likert*, correspondendo 1 a “quase nunca” até 5 “quase sempre”. A análise permite aferir que altas pontuações em ambas as dimensões são reveladoras de sistemas familiares equilibrados. Por outro lado, o contrário demonstra um sistema desequilibrado. (Olson, 2000). Assim, é possível, através desta escala, mostrar que as famílias equilibradas são mais funcionais, comparativamente às famílias com pontuações mais extremas.

Originalmente, esta escala apresentava um *alpha* de *Cronbach* para a dimensão da coesão de .87 e para a da adaptabilidade de .78, com o *alpha* total de .90, isto é, uma boa consistência interna (Olson et al., 1982, cit. por Machado, 2008).

No presente estudo foi utilizada, a versão portuguesa ainda em fase de estudo, tendo sido utilizada em diversos trabalhos (e.g., Machado, 2008), sendo que apresentou um *alpha* de *Cronbach* para a dimensão da coesão de .81 e para a da adaptabilidade de .64, com o *alpha* total de .84.

2.3.1.3. Procedimento na Recolha e Análise de Dados

Como referido anteriormente, os dados correspondem a uma amostra maior. Os mesmos foram recolhidos, entre dezembro de 2007 e fevereiro de 2008, pelos investigadores envolvidos no referido projeto de investigação. O principal critério de inclusão na amostra era estar casado ou em união de facto.

Os investigadores antes de entregarem os questionários, entregavam um protocolo de investigação (incluindo outros instrumentos não utilizados no presente estudo, por exemplo, FES e I.O.S.), bem como referiam informações ou esclareciam possíveis dúvidas de preenchimento, salientando a importância de preenchimento de todos os campos. Posteriormente era pedido que assinassem um consentimento informado.

Depois, os dados foram inseridos no SPSS (versão 15), previamente preparado, de forma a facilitar a inserção dos dados dos restantes questionários.

Para o presente estudo, foram selecionados apenas os participantes que tinham filhos biológicos (57% da amostra total) e a base de dados foi formatada para a versão 22 do SPSS, para Windows.

Foi necessário inserir novos dados à mesma base, como a idade em que se teve o primeiro filho e índices globais de alguns questionários aplicados. No que se refere à idade em que se teve o primeiro filho, foi necessário recolher de todos os questionários sociodemográficos, a idade do filho mais velho, inserir na base de dados, e com a idade dos participantes, proceder ao cálculo. Os índices globais do QDEP, FACES II e EASAVIC foram calculados seguindo as instruções dos autores das versões utilizadas.

Foi criada uma base de dados no SPSS (versão 22, Windows), na qual foram inseridas as variáveis selecionadas da base de dados da amostra inicial e acrescentadas as seguintes: idade em que se teve o primeiro filho; índices globais dos Estilos parentais (Autoritário, Autoritativo e Permissivo), bem como as respetivas dimensões; Satisfação Conjugal (EASAVIC); e Coesão Familiar (FACESII).

Posteriormente, os dados foram tratados de forma a responder aos objetivos traçados inicialmente. Para tal foi utilizado o SPSS (versão 22, Windows), nomeadamente recorrendo à análise descritiva, estudo de correlação e regressão linear.

2.3.2. Estudo Qualitativo

2.3.2.1. Seleção e caracterização da amostra

Amostra não probabilística, de conveniência, do tipo “Bola de Neve” (Marôco, 2011).

A amostra do estudo qualitativo é constituída por 12 participantes (6 sexo feminino), casados (7) ou em união de facto (5), com filhos biológicos (8) e sem filhos (4). Têm idades compreendidas entre os 25 e os 64 anos ($M=42.08$ anos e $DP=14.24$ anos). Tendo em conta o número de filhos, 4 participantes têm 2 filhos, 4 não têm filhos, 3 têm 1 filho, e 1 dos participantes tem 3.

No que diz respeito à idade em que tiveram o primeiro filho, as idades variam entre os 24 e os 35 anos ($M=27.38$ anos e $DP=3.50$ anos).

Em relação à Crença Religiosa, 11 participantes descrevem-se como crentes, e 1 participante descreve-se como não sendo crente em qualquer religião. De referir que os participantes crentes, todos eles se descrevem como sendo não praticantes.

Relativamente ao nível socioeconómico, 8 participantes são de nível socioeconómico médio, 2 são de nível socioeconómico alto e 2 dos participantes são de nível socioeconómico baixo.

2.3.2.2. Instrumentos

Para o estudo foi criado um questionário sociodemográfico (*vide* Anexo A), de forma a recolher informação de forma mais objetiva e estruturada. Posteriormente, foi aplicado o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (Robinson et al., 2001, versão portuguesa de Pedro et al., 2015) descrito anteriormente para a variável dos Estilos Parentais.

Foi criado um guião de entrevista semiestruturada (*vide* Anexo B), para a realização das entrevistas, em que os principais temas abordados foram os filhos, os estilos parentais, a satisfação conjugal, a coesão familiar, rede familiar e social, nível socioeconómico, crença religiosa e valores.

2.3.2.3. Procedimento na Recolha e Análise dos Dados

Os dados foram recolhidos entre agosto e setembro de 2014, em Portugal (Continental). Depois de explicado o objetivo do estudo e de garantir a confidencialidade, foi entregue o consentimento informado (*vide* Anexo C), de forma a obter a autorização da participação no estudo e da gravação da entrevista.

Os participantes preencheram o questionário sociodemográfico. Posteriormente foi entregue aos participantes com filhos, o QDEP, que era pedido para preencherem antes da entrevista. De seguida, era elaborada e gravada a entrevista semiestruturada, com recurso a um gravador digital.

Para a análise descritiva das variáveis sociodemográficas (idade, sexo, estado civil, número de filhos, idade com que se teve o primeiro filho, crença religiosa e nível socioeconómico) foi utilizado o SPSS (versão 22, Windows). O nível socioeconómico foi calculado segundo a classificação de Simões (1994).

Os dados do QDEP foram inseridos na base de dados, criada para o efeito. Os dados recolhidos no questionário sociodemográfico foram inseridos no Nvivo 10 (Windows). A análise descritiva dos mesmos, foi elaborada através do SPSS (versão 22, Windows). As entrevistas, em formato digital, foram transcritas e introduzida no Nvivo. Posteriormente, as entrevistas foram analisadas seguindo os procedimentos da análise temática (Braun & Clarke, 2006), com recurso ao Nvivo 10 (Windows).

De referir também, que foi utilizado o SPSS (versão 22, Windows) de forma a oferecer uma análise descritiva necessária, para o mesmo estudo.

III. Resultados

3.1. Estudo Quantitativo

3.1.1. Análise Descritiva das Variáveis

No Quadro1, apresentamos os resultados estatísticos descritivos das variáveis estilos parentais (Autoritativo, Autoritário e Permissivo), Satisfação Conjugal, Coesão Familiar, e idade em que se teve o primeiro filho.

Quadro 1. Análise descritiva das variáveis familiares (N=345)

Variável	Amplitude	Média	Desvio-padrão	Mínimo	Máximo
Estilo Parental Autoritativo	1 a 5	3.91	0.49	2.18	5.00
Estilo Parental Autoritário	1 a 5	1.66	0.41	1.00	3.25
Estilo Parental Permissivo	1 a 5	1.95	0.59	1.00	4.25
Satisfação Conjugal	1 a 6	4.62	0.71	1.86	6.00
Coesão Familiar	15 a 80	52.08	4.82	31	68

3.1.2. Análise das Correlações entre Variáveis Estudadas

Para análise das correlações entre as variáveis do estudo, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de *Pearson* (quadro 2).

Quadro 2. Correlação entre as variáveis em estudo.

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
1. Idade com que teve 1º Filho	1							
2. Número de Filhos	-.103	1						
3. E.P. Autoritativo	-.021	.045	1					
4. E.P. Autoritário	-.014	-.008	-.185**	1				
5. E.P. Permissivo	.022	-.091	-.045	.454**	1			
6. Satisfação Conjugal	-.037	-.038	.239**	-.167**	-.245**	1		
7. Coesão Familiar	.106	-.027	.383**	-.058	-.008	.369**	1	
8. Crença Religiosa	-.073	.009	-.015	-.137*	-.096	.026	.007	1
9. Nível Socioeconómico	.237**	-.073	.265**	-.148**	-.074	.075	.198**	-.069

Nota: A **negrito** estão as correlações significativas. * $p < .05$, ** $p < .01$.

De forma a esquematizar e tornar mais clara a apresentação dos resultados, serão apenas enunciadas as correlações significativas. A força das correlações é descrita tendo em conta os critérios de Cohen (1992).

A *idade em que se teve o primeiro filho* apresenta uma correlação positiva muito fraca com o *nível socioeconómico*.

O estilo parental *autoritativo* correlaciona-se positivamente e de forma muito fraca, com a *satisfação conjugal*, o *nível socioeconómico* e de forma fraca com a *coesão familiar*.

O estilo parental *autoritário* correlaciona-se negativamente de forma muito fraca com a *satisfação conjugal*, o *nível socioeconómico* e com a *crença religiosa*.

Por sua vez, o estilo parental *permissivo* correlaciona-se negativamente de forma muito fraca com a *satisfação conjugal*.

No que respeita à *satisfação conjugal*, esta correlaciona-se positivamente, de forma muito fraca, com o *autoritativo* (estilo parental) e forma fraca com a *coesão familiar*. E correlaciona-se de forma negativa e muito fraca, com os estilos parentais *autoritário* e *permissivo*.

A *coesão familiar* correlaciona-se positivamente, de forma fraca, com o *autoritativo* (estilo parental) e com a *satisfação conjugal*. E de forma negativa e muito fraca, com o *nível socioeconómico*.

Por sua vez a *crença religiosa* apresenta uma correlação negativa e muito fraca com o estilo parental *autoritário*.

Por fim, foi encontrada uma correlação positiva e muito fraca entre o *nível socioeconómico* e a *idade em que se tem o primeiro filho*, o estilo parental *autoritativo* e *crença religiosa*. E ainda uma correlação negativa e muito fraca com o estilo parental *autoritário*.

3.1.3. Análise do Papel Mediador da Satisfação Conjugal na Relação entre os Estilos Parentais e a Coesão Familiar

Foi apenas utilizado o estilo parental *autoritativo*, pois é o único que satisfaz os requisitos da análise de regressão múltipla utilizando o método de *bootstrapping*, através da *bias-corrected confidence estimates* (MacKlenon, Lockwood & Williams, 2004; Preacher & Hayes, 2004), isto é, o mediador deverá correlacionar-se significativamente em ambos os caminhos *a-path* e *b-path* (relação variável independente com mediador e mediador com variável dependente respetivamente), bem como a variável independente (estilos parentais) deverá correlacionar-se com a variável dependente (coesão familiar), sem o efeito do mediador, ou seja o efeito direto entre a VI e VD, o qual se denomina *c-path*, correspondendo na figura 3, ao valor que se encontra entre parêntesis. Esta última condição não se verifica quando consideramos o estilo parental *autoritário* e *permissivo* como variável independente.

Para acedermos a cada componente do nosso modelo de mediação, utilizámos a análise de regressão múltipla. Primeiro, foi verificado que o estilo parental *autoritativo* está positivamente relacionado com a *coesão familiar* ($B=3.73$, $t(319)=7.28$, $p<.001$). Foi também verificado que o estilo parental *autoritativo* estava correlacionado positivamente com a *satisfação conjugal* ($B=0.35$, $t(319)=4.39$, $p<.001$). Por fim, os resultados indicaram que o mediador, *satisfação conjugal*, prediz positivamente a *coesão familiar* ($B=2.17$, $t(319)=6.36$, $p<.001$). Como ambos os caminhos *a-path* e *b-path* (relação variável independente com mediador e mediador com variável dependente respetivamente) estão relacionados significativamente, a análise da mediação foi testada utilizando o método de *bootstrapping*,

através da *bias-corrected confidence estimates* (MacKlenon, Lockwood, & Williams, 2004; Preacher & Hayes, 2004). No presente estudo, o intervalo de confiança do efeito indireto (95%), foi obtido com 5000 *bootstrapping resamples* (Preacher & Hayes, 2008). Os resultados da mediação analisada confirmam o papel mediador da satisfação conjugal na relação entre o estilo parental autoritativo e a coesão familiar, isto é, o efeito indireto é diferente de zero ($B=0.76$, Intervalo de confiança: 0.33; 1.32). Entretanto, podemos acrescentar que a satisfação conjugal medeia apenas parcialmente a relação estudada, dado que a relação direta entre o estilo parental autoritativo e a coesão familiar mantém-se significativa ($B=2.97$, $t(319)=5.98$, $p<.001$) mesmo depois de controlado o efeito da satisfação conjugal (Figura 3).

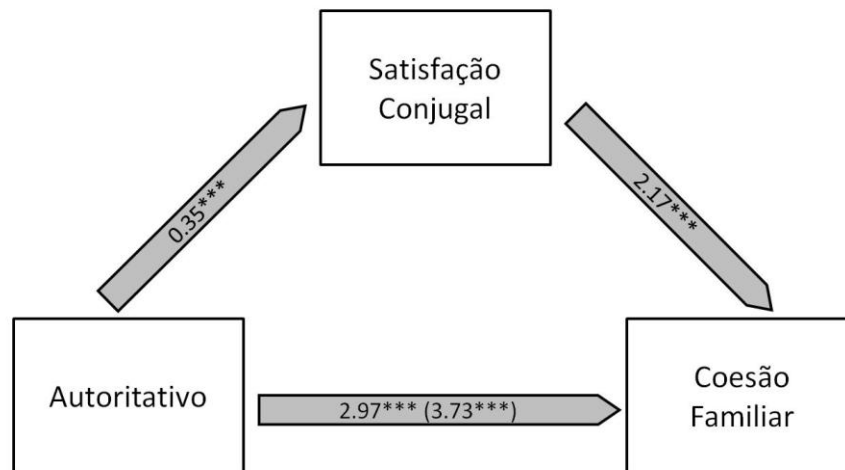


Figura 3. Efeito indireto do estilo parental Autoritativo na Coesão Familiar, através da Satisfação Conjugal (mediadora). Nota: $*** p <.001$. Entre parêntesis está representado o efeito direto, entre o estilo parental Autoritativo e a Coesão Familiar.

3.2. Estudo Qualitativo

A análise temática das entrevistas resultou na construção de uma árvore de 74 categorias interrelacionadas e organizadas hierarquicamente, organizadas em 5 categorias principais:

1) *Natalidade*, uma das categorias centrais na árvore, bem como fulcral para o estudo. Na mesma, podemos encontrar 32% do total de referências codificadas. De forma a corresponder

aos objetivos pretendidos, foi dividida em 4 subcategorias: *Idade em que se teve o primeiro filho* (20% das referências codificadas na categoria *Natalidade*); *Filhos que se desejava vir a ter* (os filhos que os participantes desejavam ou gostariam de ter, por exemplo, antes de casar ou durante o namoro, com 20% das referências); *Filhos que se tem* (corresponde ao número de filhos que se tem efetivamente, com 22% das referências); e *Filhos que se imaginaria vir a ter* (os filhos que os participantes gostariam de vir a ter ainda, no futuro, com 38% das referências);

2) *Formas de Educar*, onde foram codificadas 16% do total de referências. A mesma corresponde de forma abrangente aos estilos parentais dos participantes (a forma como os mesmos se relacionavam com os filhos), e algumas práticas parentais (comportamentos definidos por conteúdos e objetivos específicos);

3) *Satisfação Conjugal*, que se refere a aspetos ou comportamentos que estejam relacionados com a felicidade na vida conjugal do participante, onde foram codificadas 33% das referências do total. De forma a oferecer dados mais estruturados e simplificados foram criadas duas subcategorias: *Contribui*, ou seja, exemplos ou características que, de alguma forma, possam contribuir para a felicidade do casal (com 51% das referências); e *Limita*, onde, por sua vez, encontramos características que estejam a prejudicar ou limitar, de alguma forma, o bem-estar do participante na sua vida conjugal (49% das referências);

4) *União Familiar*, foi criada de forma a englobar os exemplos que reflitam o sentido e conceito único da família do participante, correspondendo de alguma forma à sua coesão, bem como o impacto que as relações entre os membros da família nuclear têm na mesma. Foram codificadas 19% das referências do total. À semelhança da categoria anterior, e para facilitar a análise de resultados, a presente categoria foi dividida em duas subcategorias: *Contribui*, com 72% de referências, visa refletir, o que ajuda ou colabora para união da família; e *Limita*, com 28% das referências, que corresponde ao que confina a ou de alguma forma prejudica, a sua união;

5) *Fatores*, nesta categoria foram englobados todos os fatores ou variáveis que de alguma forma possam influenciar as quatro categorias anteriores, como por exemplo, a rede familiar, rede social, crenças religiosas, valores, entre outros. Na mesma encontramos todas as referências codificadas, pois de alguma forma são percecionadas pelos participantes como influenciando as restantes categorias. A presente categoria foi dividida em 10 subcategorias: *Socioeconómicos*, que inclui todas as condicionantes relativamente ao contexto financeiro que

influenciam a vivência do participante e a sua família nuclear, bem como, por exemplo, as suas decisões, com 22% das referências); *Conjugalidade*, incluindo todos os fatores que digam respeito à vida do casal (19%); *Família Alargada*, estando aqui referidas as características da sua rede familiar, no que diz respeito por exemplo ao apoio ou relações entre o participante e sua família nuclear com a sua família alargada (18%); *Parentalidade*, todos e quaisquer fatores inerentes ao participante e seu cônjuge, relativamente aos seus filhos, quando estes existem (13%); *Valores*, onde estão contemplados todos valores inerentes ao participante ou transmitidos ao mesmo, quer seja pela família ou contexto em que se insere (12%); *Tempo*, corresponde ao tempo que o participante passa junto com o seu cônjuge, família nuclear ou família alargada (12%); *Idade*, onde encontramos os fatores que de alguma forma estão relacionados com a idade do participante, quer sejam condicionantes físicos ou psicológicos (6%); *Amigos*, onde podemos encontrar fatores relacionados com a rede social do participante e sua família nuclear (3%); *Crença Religiosa*, correspondendo à percepção que o participante tem da sua crença, por exemplo, no que diz respeito a ser ou não crente ou aos valores inerentes à mesma (1%); e por fim a subcategoria *Fratrria*, que corresponde às características que os filhos dos participantes manifestem entre si (1%).

De seguida, apresentamos a análise detalhada da categoria principal, *Fatores*, na sua relação com as restantes, procurando assim responder ao objetivo de analisar a percepção da influência dos diversos fatores na *Natalidade*, *Formas de Educar*, *Satisfação Conjugal* e *União Familiar*. Para tal, e de forma a contextualizar as subcategorias no estudo, serão escolhidos alguns exemplos, que transmitam as características ou experiências dos participantes.

Fatores que influenciaram a Natalidade

Segundo a percepção dos participantes, a *Idade em que se tem o primeiro filho* (21 referências; 20% das referências codificadas na categoria *Natalidade*) parece ser sobretudo influenciada pela *idade* dos progenitores (13 referências), essencialmente associada à sua *condição biológica* (8) ou à *maturidade* dos mesmos (2).

“se tiveres o primeiro filho mais tarde, por condições biológicas poderás não conseguir ter o segundo” (participante 2)

“Acho que sim, aliás, por uma questão biológica, não é? Se uma mulher tiver o primeiro filho aos 40 anos, se calhar, se quiser ter um passados 10 anos, dificilmente o terá, não é?” (participante 10)

“Pois acho que é uma idade de maturidade... aos 25. Acho que é uma idade em que se está preparada” (participante 4)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores: *socioeconómicos* (5 referências), especialmente a *estabilidade profissional* (4); associados à *conjugalidade* (2 referências); e a fatores relacionados com os *valores* dos mesmos, como o *desejo de construir família* (2).

“a partir do momento em que tivemos alguma estabilidade, de trabalho, tanto eu como a Vanda... foi um pouco aproveitar a estabilidade do emprego” (participante 2)

“Eu acho que a natalidade tem sido apontada cada vez para mais tarde, por as pessoas não terem a estabilidade profissional” (participante 11)

“Mas pelo querer... pois casámos e quando achámos que tínhamos condições para ter um filho e queríamos ter um filho” (participante 2)

O número de ***Filhos que se desejava vir a ter*** (22 referências; 20% das referências codificadas na categoria *Natalidade*) parece ser sobretudo influenciado pelos *valores* dos participantes (11 referências), essencialmente o *desejo de construir família* (9).

“Eu sempre quis ser mãe. Eu acho que não há nada melhor, nem mais bonito na vida, do que dar vida a um ser e observar o seu crescimento, desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo, essas coisas todas. Acho que não há nada melhor que isso” (participante 7)

“Foi sempre um sonho meu, um casal” (participante 6)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores: relacionados com a *família alargada* (6 referências), especialmente à *experiência de fratria* (4); a fatores da *conjugalidade* (4

referências), referentes à *personalidade* (3); e a fatores *socioeconómicos* (3 referências), como a *capacidade financeira da família* (3).

“Pelo facto de termos um relacionamento tão bom com os nossos irmãos, não queríamos que os nossos filhos fossem filhos únicos” (participante 1)

“Nunca... a minha relação com as crianças nunca foi uma coisa muito fácil e a relação das crianças comigo também não. Há aquelas pessoas que os miúdos adoram e correm e eu nunca fui assim. Os miúdos nunca gostam do meu colo, nunca gostavam de estar ao pé de mim e isso, se calhar, condicionava também” (participante 10)

“O desejo de não ter filhos estava na base da perda de liberdade, restrições financeiras, também” (participante 9)

O número de ***Filhos que se tem*** (23 referências; 20% das referências codificadas na categoria *Natalidade*) parece ser sobretudo influenciada pelos fatores *socioeconómicos* (13 referências), essencialmente associada à *capacidade financeira da família* (10), ao *apoio do estado* (2) e ao *desemprego* (2).

“Se uma pessoa não tem uma vida estável, não tem um emprego, não tem suporte financeiro... porque um filho ou dois é um encargo muito grande. Eu acho que se as pessoas tivessem um nível de vida estável, não havia algum casal que não tivesse um filho” (participante 8)

“E depois a pessoa começa a ver, que já não tem dinheiro, pois muita da medicação não é comparticipada” (participante 11)

“O emprego... acho que muitas das pessoas não pensam em filhos... até podem casar ou juntar-se, mas os filhos já são um plano a longo prazo. O desemprego! As pessoas não têm filhos por causa do desemprego” (participante 4)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores: referentes aos *valores* dos participantes (3 referências); outros associados à *conjugalidade* (3 referências), referentes a *problemas de saúde* (2); e aos fatores de *família alargada*, referentes ao *suporte emocional* (2).

“Hoje em dia querem dar mais, sonha-se sempre de no futuro dar um curso. Antigamente não havia isso, era mais para companhia dos pais. A maior parte dos pais eram autónomos, agricultores ou assim, e os filhos iriam seguir a mesma linha. Agora é tudo dispendioso” (participante 12)

“Não, nós... eu tenho uma deficiência, talvez, uma deficiência física que não me permite ter filhos. Tive umas doenças em jovem também, e eu com aquela minha tendência, já reconhecendo que não era autossuficiente para lhes dar uma boa vida” (participante 12)

“Claro! Fui lá conhecer a família dela, lá” (participante 5)

Por sua vez o número de *Filhos que se imaginaria vir a ter* (41 referências; 38% das referências codificadas na categoria *Natalidade*) parece ser sobretudo influenciada pelos fatores *socioeconómicos* (21 referências), essencialmente associada à *capacidade financeira da família* (17), à *crise económica* (3) e ao *desemprego* (2).

“Mas duvido que venha a ter o terceiro filho devido à parte financeira. Quer dizer, se eu tivesse montes de dinheiro eu tinha o terceiro filho e trocava de casa. Como não tenho, tenho que me manter nesta casa... e até dava para ter outro filho mas dificilmente, pois não tenho condições para o ter” (participante 2)

“Em muitos casais, o fator monetário é o principal. Pode haver muita ajuda, mas se não houver o fator monetário... Em muitos casais não há aquela estabilidade que possam pensar num segundo filho” (participante 6)

“Não me importava de ter mais um, mas as condições de hoje, com a crise... o dinheiro não estica da mesma maneira e... olhando para a realidade se calhar não teria mais nenhum” (participante 2)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores: referentes à *família alargada* (7 referências), referentes ao *apoio financeiro* (2), *opiniões* (2) e *suporte emocional* (2); a fatores relacionados com a *idade* dos participantes (7 referências), referentes a *condição biológica* (6) e a *problemas de saúde*; aos seus *valores* (4 referências), essencialmente ao *desejo de construir família* (3); e a fatores relacionados com a *conjugalidade* (2 referências).

“Vou ter filhos, e depois vou ter possibilidade para os sustentar? Se não tiver, vou contar com a família?” (participante 11)

“A minha mãe sempre me transmitiu, quando eu comecei a namorar, “com calma, não é preciso precipitares-te em nada”, mesmo às vezes, quando eu brinco a falar de casamento ou filhos ou qualquer coisa mais séria, ela diz que ainda sou muito nova... se calhar isso influencia-me” (participante 9)

“E sei que posso contar com a ajuda de familiares, pelo menos. Para estar lá, para cuidar, para me ajudar” (participante 9)

“Para já, por causa da idade dela, também. Idade para ela, também já é um bocado avançada, tendo ela 36 anos” (participante 6)

“Porque agora é assim, o Zé está um bocadito mais velho, as limitações físicas dele também vão agravando de ano para ano” (participante 4)

“Falámos na adoção por várias vezes... pronto, eu gostava. Porque lá está, a pessoa acaba por sentir um vazio de não ter um filho” (participante 11)

“E tenho os pais, uma irmã, e sei que um dia perco os pais e a minha irmã tem a vida dela... uma pessoa acaba por ficar um pouco sozinha. Por que lá está, falta qualquer coisa, sinto que falta qualquer coisa” (participante 11)

Fatores que influenciam a Forma de Educar

A ***Forma de Educar*** (56 referências; 16% das referências codificadas no total) dos participantes parece estar sobretudo influenciada pelos fatores relacionados com a *parentalidade* (25 referências), essencialmente associada ao *número de filhos* (13), à *forma de educar do cônjuge* (9) e à *demonstração de afeto* (2).

“O facto de teres um filho... um segundo filho... ou seja, apesar de as pessoas dizerem que dão a mesma educação aos dois, tu não dás. Tu vais mudando a tua forma de educar, vais-te adaptando. Ou sendo mais permissivo” (participante 2)

“Acho que sim, por exemplo, eu sou mais rígida com algumas coisas do dia-a-dia e ele com outras. Eu sou menos rígida na hora de dormir e ela, como sente que eu sou muito menos rígida, demora sempre muito mais tempo a adormecer comigo do que com ele” (participante 10)

“Afetuoso... acho importante que eles sintam que nós gostamos deles... sempre que puder mostrar que gostamos deles” (participante 2)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores: de *valores* (15 referências), referentes à *transmissão de valores intragerecionais* (12) e *transmissão de valores do próprio* (2); a fatores relacionados com *família alargada* (8 referências), referentes a *apoio logístico* (3), a *opiniões* dos mesmos (3) e a *modelos de referência* (2); ao *tempo* que passam juntos (7 referências), essencialmente referindo-se ao *tempo* usufruem com a família nuclear (2) e o que passam entre o *casal* (2); bem como fatores referentes à *crença religiosa* (2 referências).

“E muitas das coisas que os meus pais me fizeram e me deram felicidade, são as coisas que eu agora ensino ao Diogo... e transmito” (participante 4)

“Portanto, eu apesar de não ter recebido o carinho que deveria ter recebido, eu acho que consigo transmitir esses valores que aprendi sozinho” (participante 12)

“Se calhar, se eu tiver mais tempo, se eu conseguir gerir melhor com a ajuda dos meus familiares, a minha mãe tomar conta deles ou os meus tios tomarem conta deles. Eles conviverem com os primos ou qualquer coisa desse género, se calhar vai-me tornar uma mãe com mais paciência” (participante 9)

“Podes ser muito fiel às tuas ideias, tentar ignorar ao máximo aquilo que os pais ou sogros dizem, mas acabas por ceder e por às vezes tentar adaptar à maneira de educar com o que eles dizem, para não entrar em conflito” (participante 2)

“Mesmo a Catarina precisa de referências, como é lógico. De onde é que veio? “Eu lembro-me do meu avô e da minha avó, mas já morreram”... ela fica triste, mas do outro lado, a mãe diz-lhe “Mas os teus avós estão vivos, também! Os meus paizinhos!” Ela fala ao telefone, fala com eles na *webcam*. E claro, sente que não estamos sozinhos.” (participante 5)

“Mas o Ricardo é mais... o Ricardo também passa menos tempo com eles, por isso, acaba por deixar um bocado nas minhas mãos a educação” (participante 1)

“E às vezes uma pessoa anda cansada, exausta, extenuada e acabamos por reagir de uma maneira que não queremos perante as crianças, porque realmente temos a cabeça “a mil” e... não dormimos há não sei quantos dias... é muito importante” (participante 7)

“Os princípios de amor, respeitar o pai e a mãe, não roubar, não matar” (participante 1)

Fatores que influenciam a Satisfação Conjugal

Relativamente à *Satisfação Conjugal* (113 referências; 33% das referências codificadas no total), esta parece ser sobretudo influenciada por fatores referentes à própria *conjugalidade* (48 referências), essencialmente associada a fatores relacionados com a *dimensão emocional* (17 referências), como a *procura de equilíbrio* (8), o *suporte emocional* (5) e o *romance* entre os elementos do casal (2);

“Mas nós temos tentado superar e equilibrar... toda a gente tem problemas na vida. Teve alguns baixos... e ultrapassámos!” (participante 7)

“Como casal, somos unidos, temos as nossas discordâncias, mas sei que qualquer um está ali para o outro, para o que der e vier” (participante 7)

“Ele é pouco romântico, se ele Sim, essa seria a coisa que eu mudaria mais nele, era o facto de ele fazer-me mais surpresas” (participante 1)

Apesar de menos referidos, os participantes também apontam como fatores referentes à conjugalidade: os *valores, gostos e objetivos comuns* (7 referências); os relativos à *personalidade* dos participantes (6 referências); à *comunicação* entre o casal (5 referências); à *dimensão financeira* (3 referências), como a *poupança* (2); a fatores relacionados com o *namoro* (3 referências); à *coabitação* (3 referências); a *problemas de saúde* (3 referências); *expectativas* (2 referências); e *sexualidade* (2 referências).

“Depois comesas também a sintonizar certas coisas entre ambos... comesas a encontrar pontos em comum... pontos de interesse” (participante 2)

“Às vezes, sim. Por exemplo, o Ricardo, em certas coisas, não só na parte da educação, mas dos valores e dos princípios, às vezes é um bocadinho egoísta... e isso revolta-me em relação a ele” (participante 10)

“Não afetam porque a gente consegue conversar muito bem sobre todas as coisas e se ele às vezes tem alguma atitude que eu acho que foi demais com os miúdos, ou se eu tenho alguma atitude que foi demais, a gente na altura não diz nada à frente deles, depois se calhar” (participante 1)

“Costuma-se dizer, à maneira antiga “A carteira foi sempre uma!”. Não havia carteiras separadas, foi sempre a mesma. Hoje em dia, a carteira do marido é uma, a da mulher é outra e isso, por vezes, obriga a que o casal comece... se for tudo para o mesmo mealheiro, há um conforto, um carinho diferente” (participante 8)

“Porque ao longo desses anos todos, fomos-nos conhecendo, fomos conhecendo, também, os hábitos um do outro. As nossas satisfações e também enquanto termos de pessoa, de casal, de liberdade, de tudo” (participante 1)

“Eu só vivi junta, depois de casar. Depois estive mais alguns anos casada até ter filhos. Acho que depois, o facto de ter coabitado, devia ser ali um período de um ano ou dois anos. O casal ainda não formou paredes sólidas e alicerces sólidos para depois começar a construir a partir daí” (participante 1)

“Termos saúde e vermos os nossos filhos bem, a constituir família e a ver que eles estão satisfeitos” (participante 8)

“E a expectativa que tu fazes dessa fase e depois a passagem para a vida conjugal, aquilo se realmente acaba por acontecer. Acho que o que tu idealizas e a expectativa que tu trazes” (participante 2)

“A vida sexual também começa a decrescer” (participante 2)

Contudo, os participantes referiram-se também a fatores *socioeconómicos* (22 referências), como a *capacidade financeira da família* (16), o *desemprego* (5) e a *estabilidade profissional* (3); a fatores relacionados com a *família alargada* (18 referências), referentes ao *suporte emocional* que a mesma oferece (9), às suas *opiniões* (3), à *quantidade de relações familiares* que existem (2), ao *apoio logístico* (2) e ao *apoio financeiro* (2); ao *tempo* (16 referências), essencialmente passado em *casal* (14) e com a *rede familiar* (2); à *parentalidade* (13

referências), referentes à *forma de educar do cônjuge* (5) e ao *ter filhos* (3); bem como aos *valores* dos participantes (4 referências), essencialmente referentes ao *desejo de construir família* (2).

“Acaba por influenciar, porque tens que lidar com a tua frustração, não é? Há dias que também não estás... eu às vezes fico um bocado irritada... porque parece que trabalhas, trabalhas e... não vês nada, não é?” (participante 1)

“Tivemos alguns problemas porque ele ficou desempregado, problemas basicamente financeiros, depois o stress associado a isso, falta de paciência” (participante 9)

“Ela arranjar trabalho... e às vezes, isso também destabiliza um bocado” (participante 3)

“Companhia, financeiramente se for o caso, existe muita cumplicidade, qualquer coisa. O meu marido é tratado pelos meus pais como um filho” (participante 11)

“Essa parte de ela se meter, às vezes temos um bocado de chatices” (participante 3)

“A maior parte das vezes influencia negativamente, porque vai colidir, ou seja, um pouco menos ajudaria” (participante 2)

“Temos uma semana, que a minha cunhada faz o favor de ir lá tratar da mãe dela, porque os próprios pais do marido, estão num lar. Mas como os nossos ficaram em casa, elas vão lá fazer oito dias a tomar conta dela... então, só esses mais ou menos 10 dias é que saímos do nosso ambiente” (participante 12)

“Companhia, financeiramente se for o caso, existe muita cumplicidade, qualquer coisa. O meu marido é tratado pelos meus pais como um filho” (participante 11)

“Ou seja, uma pessoa não tendo filhos, tem mais tempo livre, para si e para o casal. Condiciona muito a vida do casal, sozinhos podemos sair à noite, para aqui e acolá!” (participante 11)

“E toda a vida, a minha esposa ajudou bastante os sobrinhos, portanto, eles faziam férias connosco, dava-lhes muitas coisas. A nossa família acabou por ser... os filhos que nos faltaram” (participante 12)

“Quando não concordo com certas ações dela fico aborrecido” (participante 2)

“Nunca pus a minha felicidade num patamar em que, para ser feliz tenho que ter filhos, mas reconheço que se tivesse mais filhos era mais feliz” (participante 11)

“Quando constróis uma vida a dois, é importante que tenhas um... algo que tu tentes concretizar” (participante 2)

Fatores que influenciam a União Familiar

No que diz respeito à ***União Familiar*** (65 referências; 19% das referências codificadas no total), esta parece ser sobretudo influenciada pelos fatores relacionados com a *família alargada* (20 referências), essencialmente o *suporte emocional* (9), o *apoio logístico* (4), o *apoio financeiro* (3) e as *opiniões* que emitem (2).

“Psicológico, neste momento não dá para ajudarem, nem financeiramente. Estão lá longe. É mais psicológico e moral. Ajuda ouvir umas coisas... quando a minha mãe morreu, a minha sogra disse-me “ Não se preocupe, eu estou aqui. Se você precisar de alguma coisa, eu sou sua mãezinha agora, está?”... Tão querida!” (participante 5)

“Vão buscar os miúdos, passam tempo com os nossos filhos” (participante 2)

“Em tudo, monetário, em certas coisas de alimentação” (participante 6)

“Quando temos de tomar uma decisão tento ao máximo que os comentários ou ideias, que eles tenham... não passem para mim. Enquanto, que da parte da Vanda existe uma maior cumplicidade, eles interferem mais... mais negativamente” (participante 2)

Os participantes referiram-se também a outros fatores, como os que estão relacionados com o *tempo* (17 referências), referentes ao passado com a *família nuclear* (10) e com a *rede familiar* (6); a fatores *socioeconómicos* (10 referências), referentes à *capacidade financeira* (6) e *estabilidade profissional* (2); referiram também fatores referentes aos *amigos* (16 referências), essencialmente ao *suporte emocional* que estes lhes prestam (4); a fatores de *parentalidade* (6 referências), referentes ao *ter filhos* (3); à *conjugalidade* (5 referências), referindo à *dimensão emocional*, referindo por exemplo a *procura de equilíbrio* (2); e por fim

referem-se a fatores relacionados com a *fratria* (4 referências), essencialmente referentes à *demonstração de afeto* (2) e à *responsabilidade entre irmãos* (2).

“Se calhar podíamos ter mais tempo de qualidade uns com os outros, não é... assim mais tempo” (participante 1)

“Tomara que o país tivesse as famílias tão bem unidas como eu tenho a minha. Os meus filhos... tento todos os dias visitá-los ou eles a mim, cumprimentarmo-nos todos uns aos outros e perguntar-lhes se alguma coisa vai menos bem “Cá está o pai e a mãe para lhes dar uma força” (participante 8)

“Ou seja, influencia porque acabamos por discutir, pois estou constantemente a explicar “É assim... e tem que ser assim... não pode ser assim...”. E é quase sempre pela parte financeira” (participante 11)

“Eu neste momento não estar tão preocupada da maneira que consigo trazer dinheiro para casa... manter a qualidade de vida dos miúdos” (participante 1)

“Quando estou mal, eu sei que posso ligar a qualquer hora que tenho um suporte do outro lado” (participante 1)

“E quando pensei em ter o Diogo, foi mesmo a pensar que com o neto... ele deixa os avós virem cá a casa, e com o bebé aproximamo-nos dos meus pais e da minha família e... sim, usei um bocadinho o ter um filho para juntar a família” (participante 4)

“E o Ricardo comigo, também ele sabe que com tantos miúdos e o facto de estar em casa e de estar agora a trabalhar em casa que preciso, às vezes, de momentos... e necessidades... é tranquilo” (participante 1)

“Logo a lhe dar um abraço e um beijo” (participante 1)

“Se acontece alguma coisa uns com os outros, é logo... são todos muito preocupados uns com os outros” (participante 1)

IV. Discussão dos Resultados

O objetivo do presente estudo prendia-se com uma análise descritiva e exploratória da relação entre variáveis socioculturais e familiares e qual o impacto destas no declínio da Natalidade. Para isso, dividiu-se o estudo em 2 fases: numa primeira fase, elaborou-se um estudo quantitativo, no qual foi analisada a relação entre as variáveis socioculturais e familiares, bem como a relação entre as mesmas; e num segundo momento analisou-se a percepção dos participantes quanto à influência das variáveis socioculturais nas familiares, bem como a influência que teriam na natalidade.

Estudo quantitativo

Relativamente à variável crença religiosa, foi encontrada uma correlação com o estilo parental autoritário, sugerindo que o facto de um indivíduo ser crente está associado a um estilo parental menos autoritário. Com estes resultados não se conseguiu verificar as conclusões de alguns estudos que referiam uma maior relação com a natalidade (Adsera, 2006; McQuillan, 2004; Mosher, 1992), mas, nesta fase quantitativa, pretendia-se mais descrever possíveis formas de relação entre as variáveis socioculturais e as familiares.

O nível socioeconómico correlaciona-se com o estilo parental autoritário, sugerindo que indivíduos de níveis socioeconómicos mais elevados terão um estilo parental menos autoritário. Por sua vez, a relação encontrada com o estilo autoritativo sugere o inverso, ou seja, pessoas com níveis socioeconómicos mais elevados obterão valores mais elevados no estilo parental autoritativo. Também foi encontrada relação com a idade em que se tem o primeiro filho, sugerindo que indivíduos de níveis socioeconómicos mais elevados tendem a adiar mais a idade de maternidade, estando de acordo com diversos estudos (Caldwell & Schindmayr, 2003; Kohler, Billari & Ortega, 2006; Koller, 2005;). Ainda relativamente ao nível socioeconómico foi também encontrada uma correlação positiva com a coesão familiar, sugerindo que quanto maior o nível socioeconómico maiores níveis de coesão familiar (Olson, 2000).

Foi também observada uma correlação significativa entre as variáveis crença religiosa e nível socioeconómico, indicando que indivíduos crentes tenderão a estar em níveis socioeconómicos mais elevados, o que evidencia o carácter dinâmico entre variáveis do exossistema (Bronfenbrenner, 1979).

Após analisar a forma como as variáveis socioculturais se relacionam, verifica-se uma relação entre os fatores socioculturais e familiares, estando de acordo com os estudos apresentados (Caldwell, 2003; Koller, 2005) que alertam também para influência, não de apenas variáveis religiosas (Ferreira & Neto, 2007) e económicas (Kohler, 2006), mas para a forma que as mesmas variáveis socioculturais se relacionam entre si, obrigando o investigador a ter uma visão sistémica e holística (Bronfenbrenner, 1979).

No que diz respeito às variáveis familiares, mais especificamente à satisfação conjugal, esta correlaciona-se com os três estilos parentais. Maior satisfação conjugal está associada positivamente com um estilo parental autoritativo, e, por seu turno, a menor satisfação conjugal está mais associada a estilos parentais autoritário e permissivo. Estes resultados estão de acordo com as investigações que alertam para as desvantagens do estilo autoritário (Lamborn et al., 1991; Ballenato, 2011), e das vantagens do autoritativo (Lamborn et al., 1991).

Relativamente à coesão familiar, esta correlaciona-se com o estilo parental autoritativo e com a satisfação conjugal, sugerindo que maiores níveis de coesão familiar estão associados a níveis mais elevados do estilo autoritativo e de satisfação entre o casal. Estes resultados estão de acordo com as investigações que se referem às vantagens do estilo parental autoritativo (Lamborn et al., 1991), mas que agora, evidenciam também o carácter integrador no bem-estar que se reflete nas relações dos subsistemas familiares (Erel, 1995; Shek, 2000) e também a perceção global que o casal tem das mesmas (Neff & Karney, 2003).

De forma a explorar o conceito multidimensional da satisfação conjugal referido por Mosmann (2007), foi testado o papel mediador da satisfação conjugal na relação entre os estilos parentais e a coesão familiar. Os resultados confirmam o papel mediador da satisfação conjugal na relação entre o estilo parental autoritativo e a coesão familiar, podendo-se acrescentar que a satisfação conjugal medeia apenas parcialmente a relação estudada. Ou seja, foi possível observar um dos processos dinâmicos que ocorrem entre as variáveis (Neff & Karney, 2003), como as inseridas no subsistema parental (Erel, 1995; Shek, 2000).

Estudo qualitativo

A variável natalidade, foi dividida em dois grupos, um que corresponde à idade em que se tem o primeiro filho e outro, à perceção do desejo em ter filhos, em diferentes fases do

desenvolvimento do casal. Ou seja, no segundo existe uma clara referência à dimensão temporal, cronossistema (Bronfenbrenner, 1979), sendo por isso, dividida em três categorias, uma referente ao desejo que se teve, ao número de filhos que se tem e que se deseja vir a ter (passado, presente e futuro).

De salientar também que sendo esta uma abordagem qualitativa, tem-se apenas a percepção das pessoas, pelo que, a subjetividade dos resultados será ela mesma relativa às percepções. De seguida discutiremos os resultados, referindo os fatores que parecem influenciar de forma mais evidente as variáveis apresentadas.

Em relação aos fatores mais referidos como influenciando a decisão ou escolha da idade que se teve o primeiro filho, estes dizem respeito às condicionantes da idade, como por exemplo, problemas ou restrições biológicas inerentes à idade. Foram também referidos fatores socioeconómicos como razão da escolha, referentes por exemplo à estabilidade profissional.

Relativamente ao desejo do número de filhos, os fatores foram também expostos consoante a fase de desenvolvimento que o casal se encontrava, ou seja, da percepção do mesmo. Como principal influência no número de filhos que desejavam ter, os participantes mencionam fatores relativos aos valores, como por exemplo, o desejo de construir família. Para o número de filhos que têm e os que gostariam de vir a ter, o fator socioeconómico, encontra-se evidenciado, por exemplo referindo-se, essencialmente à capacidade financeira da família.

Os resultados encontrados vão ao encontro dos estudos que evidenciam principalmente os fatores económicos (Kohler et al., 2006), mas quando analisamos o desenvolvimento da sua percepção ao longo do tempo, reparamos que o desejo é alterado consoante a percepção do indivíduo em relação ao seu próprio desenvolvimento, como referido por Koller (2005), bem como a um conjunto de fatores em determinados contextos (Bronfenbrenner, 1979). No que diz respeito à idade do primeiro filho, os resultados estão de acordo com os estudos de Billari (2008), salientando também a importância de os contextualizar (Caldwell, 2003).

Relativamente à forma de educar, os fatores referem-se sobretudo à parentalidade, referindo que o número de filhos altera a forma como os educam, tal como a forma de educar do seu cônjuge influencia a do próprio. Os resultados estão de acordo com os estudos de

Ballenato (2011), que para além de referir a influência, refere a procura de um equilíbrio ou complementariedade entre estilos parentais.

Em relação aos fatores que influenciam a satisfação conjugal, os de maior relevo são os referentes à conjugalidade, sendo que os mais referidos são os de dimensão emocional, como por exemplo, a procura de um equilíbrio ou de suporte emocional. Estes resultados estão de acordo com o esperado (Erel 1995; Shek, 2000), quando referem também fatores inerentes ao subsistema parental, mas, principalmente, ao se referirem a um conjunto de fatores que influencia a sua perceção global (Neff, 2003).

Por fim, os fatores que influenciam as suas perceções de união ou coesão familiar dizem respeito à sua família alargada (mais especificamente ao suporte que esta oferece) e ao tempo que os membros da família nuclear passam juntos. Nesta categoria são referidos principalmente fatores de ordem contextual, salientando a forma como percecionam a sua dinâmica familiar (Teodoro, Allgayer & Land, 2009), bem como se adapta ao longo dos seus estádios de desenvolvimento (Olson, 2000).

V. Conclusão

A integração dos resultados, quantitativos e qualitativos, é por si só limitativa, pois o primeiro diz respeito a correlações objetivas e o segundo analisa percepções. A escolha de uma abordagem mista deveu-se principalmente à complexidade do tema e ao número de variáveis escolhidas. Elaborando um estudo apenas quantitativo, tenderia a objetivar em demasia, criando um fosso entre respostas, pelo que assim, integrando com o qualitativo, ajuda a preencher esses vazios pela forma como se conceptualizam as variáveis, em diversos contextos. Utilizar apenas uma abordagem qualitativa tenderia a cair em demasia na subjetivação. Por isso, aceitou-se a complementariedade e sua integração, respeitando as características singulares de cada abordagem (Teddlie, 2009).

O presente estudo teve como objetivo, compreender e explorar a relação entre as variáveis socioculturais e familiares, bem como o seu impacto no declínio da natalidade. Os resultados da investigação permitem-nos observar uma relação entre variáveis socioculturais e familiares, em ambos os estudos e o impacto das mesmas na natalidade foi verificado, ao analisar as percepções dos entrevistados.

As correlações encontradas sugerem uma relação entre o nível socioeconómico e as variáveis familiares, relação essa que foi encontrada nas duas abordagens (relativamente aos estilos parentais e à coesão familiar). O papel mediador da satisfação conjugal permite-nos também refletir acerca de possíveis relações e novas formas de intervenção com a família. O peso de outros fatores contextuais, como a família alargada e os valores, são visivelmente observados como tendo impacto nas variáveis familiares e na natalidade, abrindo novos temas para debate ou investigação.

Antes de mais, é importante referir que estamos perante uma amostra não aleatória, pelo que as conclusões não serão generalizáveis à população. O que se pretende é uma reflexão sobre um estudo feito a uma determinada amostra da população portuguesa e, com isso, levar à discussão e reflexão dos resultados, oferecendo ideias que permitam de alguma forma combater o declínio da natalidade.

Outra limitação prende-se com a amostra do estudo quantitativo, recolhida em 2008, fazendo com que o contexto social em que a população se insere tenha sofrido alterações significativas, passíveis de não ser permitido correlacionar ambas as abordagens. Pensa-se que essa limitação social poderá existir, mas a riqueza oferecida pela qualidade da amostra

tenderá a ter mais vantagens que desvantagens. Por outro lado, uma das alterações observadas nos dados do INE é a perda do poder de compra e do aumento do desemprego, o que poderá refletir-se numa maior influência do nível socioeconómico sobre as variáveis em estudo (que já anteriormente se verificava).

Em terceiro lugar, a primeira amostra refere-se apenas a participantes com filhos biológicos. Essa limitação foi de alguma forma ultrapassada com a elaboração de entrevistas a casais sem filhos também. Todavia, como referido, o estudo não almeja generalizações, mas sim, promover discussão sobre o tema, e por isso tentou-se identificar os fatores que favorecem a natalidade na população que a representa.

Por fim, uma outra limitação é o facto de não serem discriminadas na amostra diversas idades, cruzando respostas de gerações diferentes. Tal podia ser ultrapassado, por exemplo, com a utilização da variável geração no estudo, ou, por seu turno, analisar o papel moderador da mesma.

O estudo poderá ter implicações práticas, quer numa vertente social quer clínica. Na medida em que é um tema pertinente para a sociedade atual e, mesmo com as limitações, quer financeiras quer técnicas, com que a psicologia se depara na sociedade, podemos oferecer ou dar a conhecer possibilidades de mudança. Por exemplo, será útil o treino de competências parentais, de forma a promover o estilo parental autoritativo, já que, estando correlacionado com a satisfação conjugal e a coesão familiar, poderá oferecer maior qualidade e satisfação às famílias.

Também a promoção de debates públicos de medidas de apoio social à natalidade, pois dado estarem a ser implementadas no presente (atual orçamento de estado), o *feedback* da população é necessário, bem como ajustes de implementação.

Em termos de contexto de investigação, o aperfeiçoamento dos instrumentos utilizados, de forma a refletir melhor as características da população portuguesa, bem como a elaboração de um estudo longitudinal da população portuguesa, permitiriam recolher informação de maior qualidade e, nesse sentido, mais útil para a definição de políticas de apoio à natalidade, considerando as características específicas e motivações dos portugueses.

Referências Bibliográficas

- Adsera, A. (2007). Marital Fertility and Religion in Spain, 1985 and 1999, *Population Studies*, 60 (2), 205-221.
- Alarcão, M. (2002). (des) *Equilíbrios familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Antoni, C., Teodoro, M., & Koller, S. (2009). Coesão e hierarquia em famílias fisicamente abusivas. *Universitas Psychologica*, 8 (2), 339-411.
- Ballenato, G. (2011). *Educar sem gritar* (7ª edição). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Billari, F. (2008). Lowest-Low Fertility in Europe: Exploring the Causes and Finding Some Surprises. *The Japanese Journal of Population*, 6 (1), 2-18.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and Operational Models. In S. L. Friedmann & T. D. Wacks (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp.3-28). Washington, DC: American Psychological Association Press.
- Caldwell, J. & Schindlmayr, T. (2003). Explanations of the fertility crisis in modern societies: a search for commonalities. *Population Studies*, 57 (3), 241-263.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychol Bull*, 112, 155-159.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118 (1), 108-132.

Feldman, S. & Gehring, T. (1988). Changing perceptions of family cohesion and power across adolescence. *Child Development*, 59, 1034-1045.

Giddens & Anthony (2004). *Sociologia* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: SAGE.

Hayes, A. (2013). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: A Regression-Based Approach*. New York: The Guilford Press.

Instituto Nacional de Estatística. (2013). *Censos 2011*. Lisboa: INE.

Kohler, H., Billari, F. & Ortega, J. (2006). Low Fertility in Europe: Causes, Implications and Policy Options. *The Baby Bust: Who will do the Work? Who will Pay the Taxes?* (pp. 48-109). Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers.

Koller, S. (2005). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (2ª Ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents of authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.

Machado, M. (2008). *Aliança parental, Coesão e Adaptabilidade familiar ao longo do ciclo vital da família*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.

MacKinnon, D. P., Lockwood, C. M., & Williams, J. (2004). Confidence limits for the indirect effect: Distribution of the product and resampling methods. *Multivariate Behavioral Research*, 39 (1), 99- 128.

Madhavan, S., Adams, A. & Simon, D. (2003). Women's Networks and the Social World of Fertility Behavior. *International Family Planning Perspectives*, 29 (2), 58-69.

Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. (5ª Edição). Pero Pinheiro: Report Number.

- McQuillan, K. 2004. When Does Religion Influence Fertility? *Population and Development Review*, 30 (1), 25-56.
- Minuchin, S., & Fishman, H. (1981). *Family Therapy Techniques*. Cambridge: Harvard University Press.
- Mosher, W., Williams, L., & Johnson, D. (1992). Religion and Fertility in the United States: New Patterns, *Demography*, 29 (2), 199-214.
- Mosmann, P. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. Tese de Doutoramento. Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do padrão que liga*. Tese de Doutoramento, Universidade Lisboa, Lisboa.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neff, L. A. & Karney, B. R. (2003). The Dynamic Structure of Relationship Perceptions: Differential importance as a strategy of relationship maintenance. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1433-1446.
- Olson, D. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22 (2), 144-167.
- Olson, D. & Gorall, D. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems. In Walsh, F. (Ed), *Normal Family Processes* (3ª ed., pp 514-547). New York: Guildford.
- Pacheco, A. (2008). *Olhando a Satisfação: Um estudo exploratório em casais portugueses*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Pedro, M., Carapito, E., & Ribeiro, M. (2015). Parenting Styles and Dimensions Questionnaire: Versão Portuguesa de Autorrelato. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28 (2).
- Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2004). SPSS and SAS procedures for estimating indirect effects in simple mediation models. *Behavior Research Methods, Instruments & Computers*, 36, 717-731.

Preacher, K. J., & Hayes, A. F. (2008). Asymptotic and resampling strategies for assessing and comparing indirect effects in multiple mediator models. *Behavior Research Methods*, 40, 879-891.

Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.

Robinson, C., Hart, C. H., Mandleco, B. & Olsen, S. F. (1996). *Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Cross-cultural connections*. Paper presented at the 14th Biennial Conference of the International Society for the Study of Behavioral Development, August, 12-16. Quebec City, Canada.

Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimension Questionnaire (PSDQ). In B.F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.

Shek, D. (2000). Parental Marital Quality and Well-Being, Parent-Child Relational Quality, and Chinese Adolescent Adjustment, *The American Journal of Family Therapy*, 28, 147-162.

Silva, M. (2012). *A Crise, a Família e a Crise da família*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Simões, M. M. R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional dos Testes das Matrizes Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Teddlie, C., & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of mixed methods research: Integrating Quantitative and Qualitative Approaches in the Social and Behavioral Sciences*. Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc.

Teodoro, M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11 (3), 27-39.

Vala, J., & Monteiro, M. (2000). *Psicologia Social* (4^a ed.). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Winsler, A., Madigan, A. L., & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20 (1), 1-12.

Anexo A

Questionário Sociodemográfico

**Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia**

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

Questionário Sociodemográfico**1. Sexo** Masculino Feminino**2. Idade**

3. Escolaridade 0 a 4 anos de escolaridade 5 a 6 anos de escolaridade 7 a 9 anos de escolaridade 9 a 12 anos de escolaridade Frequência universitária Ensino superior**4. Profissão**

5. Estado Civil Casado(a), desde ____ Em união de facto, desde ____**6. Com quem habita**

7. Filhos Sem filhos Gravidez atual Com filhos**8. Número de filhos**

Biológicos ____, idades _____

Adotivos ____, idades _____

Enteados ____, idades _____

7. Religiosidade Não crente Crente, não praticante Crente, praticante**8. Qual a sua religião**

Obrigado

Anexo B

Guião da Entrevista Semiestruturada

Guião da entrevista semiestruturada

Tópico	Objetivo	Questões
Socialização	<ul style="list-style-type: none"> . “Quebrar o gelo”, tentar colocar o participante confortável com o espaço e instrumentos (por exemplo, gravador). 	<ul style="list-style-type: none"> - Foi fácil dar com o espaço? - Sente-se confortável?
Introdução	<ul style="list-style-type: none"> . Agradecer a participação; . Explicar o objetivo da investigação; . Referir que se pretende recolher opiniões e experiências, não existindo respostas certas ou erradas; . Confidencialidade do estudo. 	
Transição	<ul style="list-style-type: none"> . Enquadrar e direcionar as questões para o tema e objetivos centrais. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que acha da importância do tema? - Já leu algo sobre o mesmo?
Filhos	<ul style="list-style-type: none"> . Número de filhos idealizado; . Fatores que influenciaram a decisão; . Planeamento Familiar; . Idade do primeiro filho; 	<ul style="list-style-type: none"> - Quantos filhos, imaginaria ter antes de estar casada(o)? - O que considera que estava na base desse desejo? - E agora? - O que alterou a sua vontade? - Os filhos foram planeados? - Que fatores acha que influenciou a idade com que teve o primeiro filho? - Acha que a idade com que teve o primeiro filho influenciou o número de filhos que tem?
Estilos Parentais	<ul style="list-style-type: none"> . Relação com o número de filhos; . Como define a sua forma de educar; . Como vê o seu cônjuge; . Identificar diferenças; 	<ul style="list-style-type: none"> - Acha que o número de filhos tem influencia a forma de educar? - Como descreveria a sua forma de educar? - E a do seu cônjuge? - Têm formas idênticas de educar?

		- Essa diferença (ou não) influencia o comportamento dos seus filhos?
Satisfação Conjugal	. Perceber como os estilos parentais afetam a satisfação conjugal; . Satisfação com a relação; . Fatores que contribuem ou limitam a mesma; . Evolução a relação conjugal.	- E essas diferenças (ou não) afetam a vossa relação ou satisfação como casal? - Como descreveria a sua relação conjugal? - Sente-se feliz na relação? - O que contribui para a sua felicidade ou limita a mesma? - E o que mudaria na mesma? - Ao longo do tempo como tem evoluído a sua relação? - O que alterou na sua relação conjugal com o nascimento do primeiro filho?
Coesão Familiar	. Perceção sobre a coesão; . Fatores que interferem na mesma.	- Sente a sua família unida? De que forma se manifesta essa união? (pedir exemplo) - O que mudaria para a tornar mais unida?
Rede Familiar e Social	. Suporte Social e social; . Relação dos mesmos nas variáveis familiares; . Relação entre a rede familiar e social no número de filhos.	- Tem familiares ou amigos próximos? - Como descreveria essa proximidade? - Que tipo de apoio, os seus familiares e amigos lhe prestam? - Em que medida esse suporte (ou falta) influencia a sua relação conjugal? - E acha que esse suporte ajudou na decisão de ter filhos? Bem como na forma de os educar?
Nível Socioeconómico	. Relação do nível socioeconómico nas variáveis familiares; . Relação do nível socioeconómico no número de filhos.	- Sente que financeiramente consegue suportar as suas necessidades? - Essa capacidade financeira interfere com a sua satisfação familiar? - Acha que influencia o número de filhos que tem ou imaginaria vir a ter?
Religiosidade Crenças e Valores	. Relação da religiosidade, crenças e valores (R/C/V) na satisfação pessoal e forma de estar; . Relação da R/C/V nas variáveis familiares;	- Acha que se não fosse uma pessoa crente seria uma pessoa diferente? - O seu casamento e forma de educar são influenciados pela sua crença? - O número de filhos foi influenciado pela

	. Relação da R/C/V no número de filhos.	religião ou crença? - Que fatores acha que influenciam o número de filhos que se tem ou que se gostaria de ter? - A sua educação e os valores transmitidos pelos seus pais e familiares influenciaram as suas decisões?
Final	. Questões mais abrangentes; . Algo que o participante queira acrescentar ou ache pertinente ao tema.	- Quer acrescentar algo ao que já abordámos? Algo que ache pertinente para o estudo?
Despedida	. Agradecer a participação, salientando a importância da sua participação para o estudo.	

Anexo C
Consentimento Informado



Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

Consentimento Informado

Sou aluno da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e estou a realizar um estudo que se enquadra numa tese de mestrado, sob a orientação da Professora Rita Francisco (Doutorada em Psicologia da Família, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa). O presente estudo tem como objetivo analisar o peso de algumas variáveis familiares (estilos parentais, satisfação conjugal e coesão familiar) e socioculturais (religiosidade, nível socioeconómico, rede social, rede familiar e valores) no número de filhos que tiveram ou irão ter.

O tempo de cada entrevista terá a duração máxima de uma hora e, ao ser entrevistado, o participante está a autorizar a gravação áudio da entrevista. Os dados recolhidos são confidenciais e serão utilizados apenas para fins académicos e, eventualmente, revistas da especialidade. Nesse caso, serão utilizados nomes fictícios, pelo que não será possível identificar os participantes. A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento.

Muito obrigado pela sua participação.

Ricardo Barros

Julho de 2014

Tomei conhecimento e declaro que aceito participar na investigação.

____, _____ de 2014.